

SOLI DEO GLORIA: A VISÃO DOS REFORMADORES ACERCA DE DEUS E DE SUA RELAÇÃO COM O SER HUMANO

Soli Deo Gloria: the vision of the reformers about God and his relationship with the human being

Dr. J. Carlos de L. Costa³⁹

RESUMO

O *soli Deo gloria* geralmente aparece como o último dos cinco temas fundamentais da Reforma Protestante ocorrida no século XVI. A expressão figurou e ainda continua figurando como uma espécie de assinatura em obras escritas por muitos daqueles que se consideram herdeiros da reforma. Este artigo visa analisar e desvendar o significado da expressão *soli Deo gloria* para os principais reformadores, bem como as implicações deste entendimento tanto para a teologia quanto para a prática cristã. Nota-se que muito da atitude e da prática das principais correntes vindas da Reforma Protestante desenvolveu-se como consequência e implicação do entendimento que os líderes da reforma tiveram sobre Deus e sua relação com o mundo, bem como a relação do ser humano com Deus.

Palavras-chaves: *Soli Deo gloria*. Reforma. Reformadores.

³⁹ O autor é bacharel em Teologia, Especialista em Ciências da Religião (FATEBE), Mestre em Teologia (livre), Mestre e Doutor em Ciências da Religião (PUC-Goiás), diretor acadêmico, coordenador e professor da área de Novo Testamento na Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). E-mail: jcarloscosta3@gmail.com.

ABSTRACT

Soli Deo gloria usually appears as the last of the five fundamental themes of the Protestant Reformation in the sixteenth century. The expression figured and still continues to figure as a kind of signature in works written by many of those who consider themselves heirs to the Reform. This article aims to analyze and unveil the meaning of the expression *soli Deo gloria* for the main reformers, as well as the implications of this understanding for both theology and Christian practice. It is noteworthy that much of the attitude and practice of the major currents coming from the Protestant Reformation developed as a consequence and implication of the understanding that the leaders of the Reformation had about God and his relation to the world, as well as the relation of the human being with God.

228

Keywords: *Soli Deo Gloria*. Reformation. Reformers.

INTRODUÇÃO

O *soli Deo gloria* geralmente é colocado como a última das cinco colunas que fundamentaram a Reforma Protestante ocorrida no século XVI, mas muito enfatizada por aqueles que se consideram os herdeiros desta Reforma. Especialmente, os puritanos costumavam terminar seus escritos com a expressão *soli Deo gloria*, costume ainda mantido por muitos teólogos reformados contemporâneos. A expressão se transformou em uma espécie de assinatura reformada.

Embora não tenha sido declarado explicitamente por todos os reformadores, o *soli Deo gloria* esteve como pressuposto fundamental no pensamento de todos eles. Este fato pode ser constatado através das ênfases que deram em outros pontos te-

ológicos. Neste sentido, a *sola fide*, a *sola gratia*, o *solus Christus* e a *sola Scriptura* estão solidamente alicerçados no *solus Deo gloria*. De fato, quando se estuda o pensamento dos reformadores, percebe-se que as cinco *solas* devem ser concebidas numa inter-relação e numa interdependência indissolúvel.

Este artigo visa analisar e discutir a perspectiva dos principais reformadores e, em especial, a contribuição de cada um deles para o tema do *solus Deo gloria*. O tema é importante, pois revela a visão que os reformadores tinham acerca de Deus e de sua relação com a realidade criada, bem como seu entendimento acerca do papel do crente no mundo. Todavia, antes de abordar o assunto da perspectiva dos reformadores, é necessário que se compreenda o pano de fundo contra o qual este tema foi proposto e discutido por eles.

1. O CONTEXTO ANTERIOR À REFORMA PROTESTANTE

A igreja do período medieval mantinha uma eclesiologia fundamentada na autoridade dos clérigos, tendo o papa como supremo pontífice. De acordo com Cairns, entre 313 e 590, a Igreja Católica Antiga, na qual todos os bispos eram iguais, tornou-se a Igreja Católica Romana, em que o bispo de Roma tinha supremacia.⁴⁰ A partir da ascensão de Leão I (440-461) ao trono episcopal em 440, o bispo romano começou a reivindicar a supremacia sobre os outros bispos.⁴¹ Gregório I (540-604) é considerado o primeiro papa de fato; ele inaugurou, em 590, a nova era de poder para a Igreja no Ocidente.⁴² Neste processo, a igreja

40 CAIRNS, Earle E. O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 127.

41 CAIRNS, 1995, p. 127.

42 CAIRNS, 1995, p. 132.

absorveu e se amoldou ao sistema imperial romano. Durante séculos, o papado mediu forças com os reis e imperadores para determinar quem tinha autoridade sobre quem.

Os teólogos medievais postularam uma soteriologia baseada na aquisição de mérito pessoal. Embora o indivíduo não seja capaz de alcançar méritos suficientes para a salvação, deve fazer tudo o que pode (*facit quod in se est*) para merecer a graça salvífica.⁴³ A penitência, através de peregrinações, indulgências, veneração de santos e relíquias etc., constitui-se no remédio para quem falhasse em sua busca por mérito pessoal.⁴⁴ O purgatório era a última instância na aquisição de méritos salvíficos, por meio do sofrimento autoexpiatório pela culpa adquirida. Na prática, o sacrifício de Cristo não era suficiente para a salvação do indivíduo, pois este deveria adquirir os méritos necessários e expiar suas próprias culpas, se quisesse ser salvo.⁴⁵

Além disso, a teologia medieval concebia uma teontologia pautada no medo. A maioria dos teólogos da Idade Média imaginava um Deus distanciado e indiferente aos problemas e necessidades do ser humano. Nesta perspectiva, Deus era visto como um senhor feudal cruel e pronto para punir as pessoas por quaisquer falhas que cometessem. Estas crenças eram alimentadas pelos pregadores, através da descrição de cenas mórbidas e terríveis do purgatório e do inferno.⁴⁶ Esta visão apavorante é descrita com detalhes na obra “*A Divina Comédia*”, de Dante Alighieri. O próprio Martinho Lutero (1483-1546) confessa que tinha pavor e ódio de Deus, pois o concebia como um pai autoritário, despótico e vingativo.⁴⁷

43 WACHHOLZ, Wilhelm. História e teologia da Reforma: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 91.

44 WACHHOLZ, 2010, p. 120.

45 WACHHOLZ, 2010, p. 37-38.

46 WACHHOLZ, 2010, p. 15-16.

47 LUTERO, Martinho. Pelo Evangelho de Cristo. Tradução de Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984, p. 30.

2. A VISÃO DOS REFORMADORES SOBRE DEUS E SUA CRIAÇÃO

Os reformadores acreditavam que toda a realidade e, em especial, o ser humano havia sido criado originalmente por Deus, para glorificá-lo. Por exemplo, o Catecismo de Heidelberg, escrito em 1563, pergunta:

Deus criou o homem assim tão mau e perverso?

Não, pelo contrário, Deus criou o homem bom e à sua imagem, isso é, em justiça e verdadeira santidade, de modo que ele pudesse conhecer corretamente Deus, seu Criador, amá-lo de coração e viver com ele em eterna felicidade, para louvá-lo e glorificá-lo.⁴⁸

Para o reformador Martinho Lutero, a própria “condição de imagem de Deus do ser humano consiste em ser representante (*vicarius*) e mandatário de Deus na terra”.⁴⁹ Neste sentido, o ser humano é entendido como tendo sido criado para ser um mordomo, com o papel de representar e servir ao Criador no contexto da criação.

Porém, através de Adão e Eva, o ser humano pecou contra Deus, caindo de sua posição de santidade, sujeitando-se ao poder do diabo e tornando-se moralmente corrompido.⁵⁰ Neste ponto, os reformadores adotaram o ponto de vista agostiniano, entendendo o pecado de Adão como uma herança de todos os seres humanos. Este pecado consistiu basicamente no desejo do homem de querer ser deus em nome do diabo; desejo que per-

48 DE BRÉS, Guido; URSINUS, Zacarias. Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg. Tradução da Missão Reformada no Brasil. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

49 BAYER, Oswald. A teologia de Martinho Lutero: uma atualização. Traduzido por Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 114.

50 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 3: Debates e Controvérsias, 1. Tradução de Ilson Kayser etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992, p. 194.

manece em todos nós.⁵¹ Deste modo, por causa de sua natureza caída, o ser humano tenta se autoglorificar nesta atividade, corrompendo a posição que lhe foi confiada, de modo que, ao invés de servir e glorificar o Criador, ele se volta para si mesmo, na tentativa de satisfazer seu orgulho e egoísmo.⁵²

Seguindo Agostinho de Hipona (354-430), Lutero acreditava que a essência de todo pecado é o amor próprio. Neste sentido, “em todas as obras contra os mandamentos, nada mais se vê senão amor próprio que procura o que é seu, tira de Deus o que é dele, e das pessoas o que é delas, e não dá, nem a Deus nem às pessoas, algo do que possui, é e pode”.⁵³ Assim, para o reformador alemão, tanto o cumprimento quanto a transgressão dos mandamentos divinos são diretamente resultantes do amor: o amor próprio ou o amor a Deus e ao próximo.

João Calvino (1509-1564) condenou com veemência a fabricação de imagens de escultura, pois, para ele, tais representações distorcem e corrompem a glória de Deus.⁵⁴ Porém, para Lutero, é o coração humano a maior fábrica de ídolos, que inventa e cria imagens para si.⁵⁵ Do ponto de vista do reformador alemão, a essência da idolatria é colocar a confiança e a esperança em qualquer outra coisa que não seja em Deus. Ao explicar o primeiro mandamento no Catecismo Maior, ele explicita que “a fé e Deus são inseparáveis; naquela em que tu ponhas o teu co-

51 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 5: **Ética; Fundamentos; Oração; Sexualidade; Educação; Economia**. Tradução de Walter O. Schlupp, Ilson Kayser e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995, p. 479.

52 BAYER, 2007, p. 114-115.

53 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 2: o programa da Reforma: escritos de 1520. Tradução de Martin N. Dreher etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989, p. 181.

54 CALVINO, João. As Institutas ou Tratado da Religião Cristã. Volume 1. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985, p. 114-132.

55 ALTMANN, Walter. Lutero e Libertação: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016, p. 51.

ração, naquele em que tu confies, esse será o teu Deus”.⁵⁶ Deste modo, confiar e se vangloriar no saber, na inteligência, no poder, em honra ou mesmo em sua própria bondade, é idolatria.⁵⁷ Neste sentido, Lutero declara que:

[A idolatria] não consiste unicamente em erigir uma figura qualquer e se prostrar diante dela, mas sim, antes de mais nada, consiste em distrair-se, olhando para outro lado, ao invés de olhar para Deus; em procurar amparo e consolo em outras criaturas, nos santos e nos demônios, sem pensar em Deus, sem o considerar tão bondoso que nos socorra; sem crer, tampouco, que toda a nossa felicidade provém unicamente Dele.⁵⁸

Lutero acreditava que, “o ídolo mais adorado do mundo”, que “se agruda e adere à natureza até a sepultura”, é *Mammon*, ou seja, “o dinheiro e os bens nos quais a pessoa colocou seu coração”.⁵⁹ Porém, para o reformador, a pior e mais ímpia forma de idolatria é querer obrigar Deus a abençoar ou justificar baseado no cálculo de méritos humanos suficientes para a entrada no céu. Tal postura arrogante destrona Deus de sua posição, transforma-o em um mero ídolo e entroniza o ser humano como deus em seu lugar.⁶⁰

Do ponto de vista de Lutero, todavia, a “vinda de Deus na cruz é a barreira que estanca a presunção humana de alcançar Deus por seus próprios meios ou de estabelecer o próprio ser humano como deus”.⁶¹ Na cruz, Cristo foi “reduzido a uma total impotência, e no entanto, foi precisamente lá que ele aceitou

56 LUTERO, Martinho. *Catecismo Maior: doutrina cristã fundamental*. Traduzido por Zaquieu A. de Carvalho. São Paulo: Fittipaldi, 1965, p. 13.

57 LUTERO, 1965, p. 14.

58 LUTERO, 1965, p. 17.

59 LUTERO, 1965, p. 14.

60 LUTERO, 1965, p. 17-18.

61 ALTMANN, 2016, p. 337.

frontalmente o desafio dos seus inimigos, ganhando brilhante vitória sobre o pecado, e sobre a morte, sobre o mundo, sobre o inferno e sobre o mal”.⁶² A cruz foi a vitória da fraqueza sobre o poder, da degradação sobre a honra e da insensatez sobre a sabedoria humanas. Deste modo, Deus não é encontrado na grandeza, na sabedoria e na glória, mas na fraqueza, nos sofrimentos e na cruz.⁶³ Comentando 2 Coríntios 3.5 (“não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus”), Lutero esclarece:

Este é um artigo muito elevado e que encerra muita coisa; ele põe por terra toda arrogância e petulância, todo orgulho, glória, falsa confiança e enaltece somente a Deus; sim, ele indica a razão por que se deve enaltecer somente a Deus: é que ele faz todas as coisas.⁶⁴

234

Ao comentar o cântico de Maria (Lc 1.46-55), Lutero declara que “é exatamente quando a fraqueza do homem está em seu ponto crítico que Deus intervém com todo o esplendor”. É precisamente neste momento que o ser humano precisa exercer “fé viva e confiante”.⁶⁵ É somente no reconhecimento da incompetência e do fracasso humano que se busca com sinceridade e fé o poder de Deus. Portanto, para o grande reformador, “Deus se distancia dos ‘sábios e prudentes’, e aproxima-se daqueles que, carecidos de sabedoria, nunca têm vez”.⁶⁶

62 LUTERO, Martinho. O Magnificat. Tradução de Attilio Cancian. Petrópolis: Vozes, 1968, p. 79.

63 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 1: os primórdios: escritos de 1517 a 1519. Tradução de Annemarie Höhn etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987, p. 50.

64 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 6: Fundamentação da ética Política; Governo; Guerra dos Camponeses; Guerra contra os Turcos; Paz Social. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996, p. 50.

65 LUTERO, 1968, p. 79.

66 LUTERO, 1968, p. 81.

Ademais, os reformadores também enfatizaram a distinção radical entre Criador e criaturas. Da perspectiva de Lutero, “Deus é verdadeiro e único e, além disso, totalmente incompreensível e inacessível para a razão humana [...]”;⁶⁷ “Ele é um ser inefável, acima e além de tudo que se possa citar”.⁶⁸ Comentando Romanos 11.33-36, João Calvino (1509-1564) declara que “as riquezas da sabedoria de Deus são demasiadamente profundas para que nossa razão seja capaz de sondá-las”.⁶⁹ Isso deve nos resguardar da presunção e fazer com que nos coloquemos numa posição de humildade diante de Deus e de sua Palavra.

Assim, “só é possível haver verdadeiro relacionamento entre o ser humano e Deus, se este se colocar em seu próprio lugar de criatura e deixar Deus ser Deus”.⁷⁰ Isso exige uma postura preliminar de completa rendição do ser humano em relação a Deus. Ele precisa desistir de procurar seus bens mais preciosos por meio de seus próprios meios ou em outros deuses; precisa confiar e esperar de Deus todos os bens e todas as bênçãos necessárias à sua existência e felicidade.⁷¹ Neste sentido, para Lutero, antes de encontrar-se com Deus, o ser humano é primeiramente levado ao mais profundo abismo, ao próprio inferno, para de lá ser liberto e amparado pela graça de Deus.⁷²

Este reconhecimento, de que tudo provém de Deus, “obriga-nos a amá-lo sempre, a glorificá-lo, mostrar-lhe gratidão e, enfim, a servi-lo totalmente, segundo Ele mesmo ordena nos

67 LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Volume 4: Debates e Controvérsias, 2. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993, p. 212.

68 LUTERO, 1993, p. 271.

69 CALVINO, João. *Romanos*. Tradução de Valter Graciano Martins. 2.ed. São Paulo: Parakletos, 2001, p. 426.

70 ALTMANN, 2016, p. 54.

71 LUTERO, 1965, p. 18.

72 ALTMANN, 2016, p. 55-56.

Dez Mandamentos”.⁷³ Lutero declara que este sincero reconhecimento esquentava e faz arder o nosso coração, infundindo-nos gratidão, “ensinando-nos também a usar dos benefícios e bondades recebidos para glória e louvor de Deus”.⁷⁴ É exatamente este reconhecimento, seguido da resposta adequada, que distingue um verdadeiro crente de um incrédulo.

Todavia, não é suficiente que renunciemos apenas verbalmente e de modo hipócrita aos privilégios, elogios e honras que nos são tributados. É necessário que, de fato e sinceramente, tributemos toda a glória pelo que somos e realizamos ao Senhor, reconhecendo que tudo provém Dele. Neste sentido, o erro não está em receber o elogio ou a honra, mas em “nos prevalecer disso como dum favor pessoal particularmente precioso”, de modo que nos apropriamos daquilo que pertence somente a Deus por direito.⁷⁵

236

Além disso, postula Lutero, não devemos amar, servir e glorificar a Deus somente pelos benefícios pessoais que ele nos concede, mas sobretudo pelo que Ele é. Neste sentido, não devemos prezar “a salvação mais que o Salvador, as dádivas mais que o Benfeitor, a criatura mais que o Criador”; pelo contrário, devemos “guardar os mesmos sentimentos de piedade tanto na indigência como na prosperidade, na pobreza como na riqueza”.⁷⁶

O posicionamento dos demais reformadores acerca de Deus e sua relação com o mundo não foi substancialmente diferente do de Lutero. Por exemplo, ao distinguir o Criador das criaturas em termos práticos, Ulrico Zuínglio (1484-1531) afirma que Deus é aquele em quem se deve “confiar” e que deve ser

73 LUTERO, 1965, p. 115.

74 LUTERO, 1965, p. 116.

75 LUTERO, 1968, p. 62.

76 LUTERO, 1968, p. 34.

“desfrutado” e as criaturas são aqueles que devem ser “usados” no desfrute de Deus.⁷⁷ Também para Calvino, “Deus, com justa razão, reivindica para si mesmo autoridade absoluta, e que nada, além de sua glória, deve ser buscado na natureza humana e no mundo inteiro”.⁷⁸

Portanto, na visão dos reformadores, não apenas a finalidade da criação, mas também o objetivo de toda a Escritura é glorificar a Deus. João Ecolampádio (1482-1531) explicita este ponto de vista em seu *Comentário sobre Romanos*, ao declarar que “o objetivo de toda a Escritura é vindicar a glória de Deus para que Deus reine em tudo, principalmente no coração dos homens”.⁷⁹

3. O SOLI DEO GLORIA NA VISÃO DOS REFORMADORES

Há dois aspectos importantes do *soli Deo gloria* na teologia dos reformadores: o primeiro aspecto se relaciona à soteriologia, enquanto o segundo está relacionado mais à vida prática do crente. No que diz respeito à soteriologia, o *soli Deo gloria* expressa o fato de que o Evangelho não está centrado no ser humano e em seus méritos, mas em Deus. Do ponto de vista de Lutero, a doutrina medieval de que o ser humano poderia ser salvo por meio de suas próprias obras, afrontava Deus e roubava Sua glória, “pela recusa em reconhecer sua única suficiência como ‘aquele que dispensa seus dons gratuitamente a todos’”.⁸⁰

77 Cf. SWAIN, Scott R. In: BARRETT, Matthew. *Teologia da Reforma*. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 200, nota 64.

78 CALVINO, 2001, p. 430.

79 Citado por PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e do dogma (1300-1700)*, volume 4. Tradução de Helena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2016, p. 272.

80 SWAIN, 2017, p. 198.

Para os reformadores, o ser humano não pode receber o mérito e a glória pela sua conversão, pois tal glória é devida somente a Deus. A justificação é totalmente pela graça, exatamente “para que ninguém tenha motivos para se gloriar diante de Deus” (Gl 6.4).⁸¹

Para o reformador alemão, mesmo uma vida honesta e virtuosa não é suficiente para nos tornar aceitáveis diante de Deus; pelo contrário, “perante Deus nada é mais desonesto, e até extremamente ímpio e o mais alto sacrilégio; porque não agiram para a glória de Deus nem o glorificaram como Deus (Rm 1.21)”.⁸² Acerca desta tentativa de agradar a Deus através de méritos próprios, Lutero declara:

Este é o pior vício e pura arrogância diabólica, quando nos consideramos bons aos nossos próprios olhos e nos parabenizamos quando vemos ou percebemos uma boa qualidade em nós e não agradecemos por ela a Deus, mas nos tornamos arrogantes, passando a desprezar todo mundo e enchermos com ela os olhos a ponto de não mais enxergarmos as outras coisas que fazemos. Achamos que em nós tudo é perfeito, roubando e usurpando, desse modo, a honra de Deus, tornando-nos a nós mesmos em ídolo [...]⁸³

Neste sentido, para a maioria dos reformadores, no debate entre fé e obras, soberania de Deus e escolha humana, o que está em jogo não é apenas os meios de salvação, mas a própria glória de Deus. Assim, creditar ao homem os méritos pela sua salvação significa despojar Deus de sua soberania e roubar-lhe a honra e a glória que lhe são devidas.

81 BARRETT, In: BARRETT, 2017, p. 416.

82 LUTERO, 1993, p. 164-165.

83 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 9: Interpretação do Novo Testamento – Mateus 5-7; 1 Coríntios 15; 1 Timóteo. Tradução de Adolpho Schmidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2005, p. 211.

Portanto, o tema da *solī Deo gloria* tem implicações no entendimento dos reformadores acerca da relação entre a liberdade humana e a soberania de Deus. Por exemplo, na controvérsia com Jerome Bolsec, Calvino entende que depender a salvação da resposta humana é “antropocentrismo”, e que “tal religião tira de Deus a glória da salvação e banaliza a obra de Cristo”.⁸⁴ Por isso, os reformadores ressaltavam que somente Deus planeja e realiza a redenção de seu povo mediante a obra de Cristo, sem a participação direta do ser humano.⁸⁵

No sentido prático, o *solī Deo gloria* significa que todas as ações do crente, até as mais banais, devem estar ultimamente voltadas para a glória de Deus. Durante a Idade Média havia uma rígida separação entre clero e leigo, entre o espiritual e o secular. As funções realizadas pelo clero eram tidas como santas, enquanto que aquelas realizadas pelos leigos eram profanas. Partindo deste ponto de vista, “para realizar a santidade em sua plenitude ou, pelo menos, em um estágio superior, era necessária a retirada do mundo, da vida cotidiana e profissional”.⁸⁶ Portanto, do ponto de vista medieval havia o *contemptos mundi* (desprezo do mundo) e consequente divisão entre o religioso e secular, entre santo e profano.⁸⁷ O ideal de santidade só poderia ser alcançado mediante uma fuga do mundo e o ingresso na vida monástica.⁸⁸ A partir deste ponto de vista, a vida e as atividades do âmbito secular eram desvalorizadas, quando não desprezadas.⁸⁹

Em contraste com o ponto de vista do medievo, Lutero entendeu o mundo como criação de Deus e o contexto no qual o

84 BARRETT, 2017, p. 436.

85 VENEMA, In: BARRETT, 2017, p. 212.

86 ALTMANN, 2016, p. 30-31.

87 ALLEN, In: BARRETT, 2017, p. 484.

88 ALTMANN, 2016, p. 31.

89 ALTMANN, 2016, p. 31.

crente deve servir a Deus e ao próximo. Enfatizando que a oração deve perpassar todas as atividades do crente e não apenas um momento, ele declara que “toda a sua [do crente] vida visa a difundir o nome, a glória e o reino de Deus. Tudo mais que ele faz necessariamente está subordinado a isso”.⁹⁰

Partindo deste ponto de vista, o grande reformador combateu que “aqueles que administram os sacramentos e a Palavra entre o povo” sejam chamados de “sacerdotes”. Sua preocupação era “de nenhum modo, erigir um *status*, uma ordem, um direito ou dignidade, recomendando apenas o ofício e o serviço e deixando o direito e a dignidade do sacerdócio para a comunidade”.⁹¹ Deste modo, a comunidade cristã exerce sua função sacerdotal através do exercício do ministério de cada crente, de modo que cada um deles também “foi instruído e ungido por Deus para ser sacerdote”.⁹² Em seu livro *Do Cativo Babilônico da Igreja* (1520), Lutero defendeu que “as vocações religiosas não eram mais santas do que outras, [...] mas que todos os homens e mulheres recebiam chamados de Deus”.⁹³ Na carta que destinou aos nobres alemães, em 1520, ele escreve:

Inventou-se que o papa, os bispos, os sacerdotes e os monges sejam chamados de estamento espiritual; príncipes, senhores, artesãos e agricultores, de estamento secular. Isso é uma invenção e fraude muito refinada. Mas que ninguém se intimide por causa disso, e pela seguinte razão: todos os cristãos são verdadeiramente de estamento espiritual, e não há qualquer diferença entre eles, a não ser exclusivamente por força do ofício.⁹⁴

90 LUTERO, 1995, p. 117.

91 LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. Volume 7: Vida em Comunidade: Comunidade; Ministério; Culto; Sacramentos; Visitação; Catecismos; Hinos. Tradução de Adolpho Schmidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000, p. 106.

92 LUTERO, 2000, p. 31; LUTERO, 1989, p. 282.

93 LUTERO, 1989, p. 341-424.

94 LUTERO, 1989, p. 282.

Todavia, por causa do efeito que produz, Lutero considerou que “o ofício da pregação do evangelho é o ofício supremo, ou seja, o ofício apostólico, que fundamenta todos os demais, sobre o qual todos devem alicerçar-se”.⁹⁵ Por isso, para exercê-lo, o indivíduo precisa ser vocacionado por Deus e devidamente ordenado para tal.⁹⁶ Porém, seu ponto de vista não diz respeito a algo inerente que o ministério pastoral possua, mas tão somente pelo efeito eterno que ele produz na vida das pessoas que alcança.

O reformador alemão dignificou a vida familiar como lugar de santidade e “como expressão privilegiada de um serviço a Deus e aos semelhantes”.⁹⁷ Comentando a exortação paulina sobre a prática sexual no casamento (1Co 7.3s), Lutero postula que “o estado matrimonial está subordinado à lei do amor, sendo que nenhuma das partes tem poder sobre seu corpo, mas um tem que servir ao outro, como é próprio do amor”.⁹⁸ Assim, diferentemente do ponto de vista católico romano, a própria relação sexual, no contexto do casamento, passa a expressar a demonstração de amor e de serviço ao próximo.

Ademais, as atividades públicas e políticas também podem ser realizadas “como um serviço especial a Deus”, uma vez que foram instituídas por Ele. Porém, em termos práticos, o critério deve ser sempre a necessidade e o serviço ao próximo. Deste modo: Assim como um ser humano pode servir a Deus no matrimônio, na lavoura ou numa profissão para proveito do outro, e como deveria servir quanto seu próximo o necessita, do mesmo modo pode também servir a Deus na autoridade e lhe deve servir, quando a necessidade do próximo o exige.⁹⁹

95 LUTERO, 2000, p. 106.

96 LUTERO, 2000, p. 118.

97 ALTMANN, 2016, p. 32.

98 LUTERO, 1995, p. 192-193.

99 LUTERO, 1996, p. 93.

Também para Calvino, “o verdadeiro rei” deve reconhecer-se “na gestão do reino um ministro de Deus”. Seu governo deve ser exercido de modo que “sirva à glória de Deus”. O soberano que assim não exerce seu governo, e o faz em proveito próprio, torna-se um usurpador.¹⁰⁰ Ao comentar Romanos 13.1-7, o reformador francês se refere à magistratura como uma “vocação”, “designada pela ordenação divina”. Esta, porém, “não deve ser feita em função de si próprios, mas visando ao bem público”.¹⁰¹

Porém, embora um crente possa servir em funções públicas e políticas, Lutero entendia que estas duas esferas, ou seja, o reino espiritual e o reino secular, deveriam se manter totalmente separadas. Em carta dirigida ao conselho da cidade de Danzig, ele declara que “o evangelho, por sua vez, é lei espiritual, segundo a qual não se pode governar, mas cada qual precisa posicionar-se perante o mesmo, cumpra-o ou não”.¹⁰² Por ser uma decisão de fé, não se pode forçar ninguém a se adequar aos valores e princípios expressos na Palavra de Deus. Diante disso, ele exorta que “é necessário manter o regime espiritual do evangelho bem separado do regime secular exterior, evitando a todo custo confundi-los”.¹⁰³

Para enfatizar sua compreensão do modo como o crente deve atuar no mundo, o grande reformador cunhou um novo vocábulo para a língua alemã: a palavra *beruf*. *Beruf* é a tradução alemã do termo grego *klêsis*, que significa “ofício”, “profissão”, mas também tem o sentido de “vocação”.¹⁰⁴

100 CALVINO, 1985, p. 16.

101 CALVINO, 2001, p. 459-466.

102 LUTERO, 1996, p. 129-130.

103 LUTERO, 1996, p. 130.

104 ALTMANN, 2016, p. 32; WEBER, Max. *A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 15.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 75-77.

Portanto, Martinho Lutero “conferiu sentido vocacional à atividade profissional”, não como um fim em si mesma, mas como um meio e oportunidade de serviço ao próximo e, através deste, ao próprio Deus.¹⁰⁵ Por isso, ele acreditava que esta vocação “não precisa ser medida pelo valor supostamente espiritual ou pela lógica utilitarista”, mas deve ser medida pela dedicação a Deus e o amor ao próximo.¹⁰⁶ O exemplo supremo de alguém que viveu completamente engajado neste mundo foi o próprio Jesus, que, sendo Deus, fez-se humano e convive “conosco na lama e no trabalho, de tal maneira que a pele lhe fumega”.¹⁰⁷ Deste modo, para Lutero, a vida cristã frutífera consiste na conformidade com a vida de Cristo, principalmente com a sua cruz, para que, na consumação, se possa participar da sua glória.¹⁰⁸

João Calvino aplicou o conceito de *solī Deo gloria* mais aos resultados práticos da graça divina na vida do eleito. De seu ponto de vista, tudo que a graça divina produz na vida do eleito é visando unicamente à glória de Deus. Para o reformador francês, o homem foi criado como um espelho que deveria refletir a glória de Deus.¹⁰⁹ Porém, embora o pecado de Adão não tenha “aniquilado ou apagado de todo a imagem de Deus, foi [ela], todavia, corrompida a tal ponto que, o que quer que resta, é horrenda deformidade”.¹¹⁰ Todavia, através da regeneração, o eleito tem a perfeita imagem de Deus restaurada, por meio da conformação à semelhança com Cristo.¹¹¹ Interpretando 2 Coríntios 3.18, Calvino afirma:

105 ALTMANN, 2016, p. 33.

106 ALLEN, 2017, p. 485.

107 Citado por BAYER, 2007, p. 4-5.

108 ALTMANN, 2016, p. 73.

109 CALVINO, 1985, p. 205.

110 CALVINO, 1985, p. 205.

111 CALVINO, 1985, p. 205-206.

[...] por meio da imagem de um progresso contínuo, crescemos no conhecimento de Deus e na conformidade da imagem de seu Filho. [...] Observe-se que o *propósito* do evangelho é a restauração da imagem de Deus em nós, a qual fora cancelada pelo pecado e que esta restauração é progressiva e prossegue ao longo de toda nossa vida, porque Deus faz sua glória brilhar em nós paulatinamente.¹¹²

Além disso, Calvino também defendeu que na regeneração os eleitos recebem “uma graça especial”, que os capacita a obedecerem e glorificarem a Deus através de sua vida.¹¹³ Ao comentar 1 Coríntios 10.31, o reformador francês postula que “não há parte alguma de nossa vida ou conduta, por mais insignificante que seja, que não esteja relacionada com a glória de Deus”, e que devemos empreender todo esforço para promovê-la.¹¹⁴

Deste modo, as profissões e atividades mundanas são vistas como vocação divina e devem ser usadas para trazer glória ao nome de Deus. De acordo com o Catecismo de Heidelberg, são boas obras “somente aquelas que são produzidas pela verdadeira fé, estão em conformidade com a lei de Deus e são feitas para a glória de Deus”.¹¹⁵ Neste sentido, o propósito correto para todas as ações humanas é a glória de Deus. O teste para definir se uma ação é válida ou não é se glorifica a Deus.

Portanto, na visão calvinista não basta fazer algo que seja objetivamente bom ou válido; esse fazer deve ser dirigido para

112 CALVINO, João. 2 Coríntios. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2008, p. 102.

113 BARRETT, 2017, p. 428.

114 CALVINO, João. 1 Coríntios. Tradução de Valter Graciano Martins. 2.ed. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003, p. 325.

115 DE BRÉS; URSINUS, 2011.

o propósito certo: a glória de Deus.¹¹⁶ A doutrina calvinista da dupla predestinação os levou à questão: como saber se sou eleito? A esta pergunta Calvino respondeu que todos os verdadeiros cristãos têm certeza de sua eleição, por meio do testemunho interior do Espírito Santo, de sua adoção como filhos de Deus.¹¹⁷ Mas, em termos práticos, como saber se sou realmente eleito? A esta questão, Teodoro de Beza (1519-1605), sucessor de Calvino, respondeu que o espelho através do qual vejo a minha eleição é a “glória de Deus”; ou seja, se minhas ações estão promovendo a glória de Deus ou não.¹¹⁸

Deste modo, do ponto de vista calvinista, o *solī Deo gloria* é o critério mais seguro para se avaliar a própria eleição. Ou seja, o indivíduo tem a sua eleição confirmada se Deus está sendo glorificado através de suas ações neste mundo. De fato, somente através da vida dos eleitos Deus pode ser verdadeiramente glorificado.

4. OS RESULTADOS DA VISÃO DOS REFORMADORES ACERCA DO SOLI DEO GLORIA

A diferença entre Martinho Lutero e João Calvino acerca do mundo e do modo como o crente deve se relacionar com ele, fez com que luteranos e calvinistas desenvolvessem diferentes interações com seu contexto. Os luteranos, seguindo Lutero, embora não neguem a transcendência de Deus, enfatizaram mais a imanência divina. Embora acreditasse que Deus tem seu aspecto abscôndito e inacessível, Lutero ensinava que o crente não deve se preocupar com este aspecto do ser de Deus, mas com o

116 ALLEN, 2017, p. 493.

117 CALVINO, 2001, p. 311-312.

118 Cf. PELIKAN, 2016, p. 296.

Deus revelado e acessível em Cristo. O grande reformador não via a criação e a sociedade como inerentemente maus; pelo contrário, entendia-os como uma “máscara de Deus”, nas quais, ao mesmo tempo que se escondia, Deus também se manifestava por meio delas.¹¹⁹

A ênfase de Lutero no amor ao próximo e na concretude deste amor, levou os luteranos a um engajamento maior no mundo, através de ações concretas em prol dos mais necessitados. Lutero afirma que o cristão foi liberto por Cristo para tornar-se “um servo prestativo de tudo, a todos sujeito”; ou seja, ele foi feito livre para servir.¹²⁰ Deste modo, o crente não deve viver “somente para si mesmo neste corpo mortal, para operar nele, mas também para todas as pessoas na terra; sim, ele vive somente para os outros, e não para si”.¹²¹ Para isso, ele deve se esforçar “para assim poder servir a outros com mais sinceridade e liberdade [...]”.¹²² Os bens materiais devem ser adquiridos, não somente para usufruto e proveito próprio, mas “para subsídio daqueles que têm carência [...]”.¹²³ Cristo é o exemplo supremo que devemos tomar como alguém que se ofereceu completamente ao serviço do próximo.¹²⁴ Portanto, as boas obras que se espera do crente neste mundo são aquelas que expressam serviço e amor ao próximo, principalmente aos mais necessitados.

A teologia calvinista, por outro lado, enfatizou mais a transcendência que a imanência divina. A ênfase de Calvino na glória de Deus, em contraste com o antropocentrismo humanis-

119 PELIKAN, 2016, p. 230.

120 LUTERO, 1989, p. 437.

121 LUTERO, 1989, p. 451.

122 LUTERO, 1989, p. 452.

123 LUTERO, 1989, p. 452.

124 LUTERO, Martinho. Obras Seleccionadas. Volume 8: Interpretação Bíblica: Princípios. Tradução de Adolpho Schmidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 173-173.

ta, fez com que os calvinistas desenvolvessem o que Marx Weber denomina de “ascetismo intramundano”.¹²⁵ Neste caso, o mundo é visto como mau e corrupto, mas ao mesmo tempo como o ambiente no qual o crente precisa atuar para a glória de Deus. Neste sentido, a relação do crente com a realidade natural e social é um tanto quanto ambígua: o mundo é mau e permeado por poderes demoníacos, mas o crente é chamado a exercer seu chamado neste contexto. Se, por um lado, o crente deve se esforçar para fazer o melhor nas várias atividades que exerce; por outro lado, não pode se deixar envolver por este mundo, a ponto de amá-lo e encontrar a satisfação última de sua vida nele. No geral, esta ênfase na transcendência e soberania divina levou os calvinistas a uma santidade mais puritana e a uma prática mais metódica diante dos desafios colocados pelo mundo. Por outro lado, esta visão também fez com que houvesse certo desinteresse pela atuação social entre os calvinistas.

CONCLUSÃO

247

Portanto, o *solī Deo gloria* foi um tema importante da Reforma Protestante ocorrida no século XVI. Ele expressa a visão que os reformadores tiveram acerca de Deus, de sua relação com o mundo e da relação do ser humano com Ele. Tal perspectiva teve implicações e apresenta ressonâncias contemporâneas sobre os herdeiros da Reforma.

Lutero, Calvino e os outros reformadores enfatizaram que Deus e não o ser humano precisa ser o centro de qualquer atividade ou movimento genuinamente espiritual. Ele deve ser o foco para onde tudo e todos devem convergir. Somente o Senhor deve ser honrado, adorado e glorificado. Deste modo, devemos ter por princípio que nada que exalte ou glorifique o ser humano pode vir de Deus.

125 WEBER, 2004.

Neste sentido, o tema do *solī Deo gloria* apresenta-se como especialmente relevante no presente cenário personalista em que vivemos. No atual contexto evangélico brasileiro muitos líderes não se contentam em serem designados de pastores e de serem reconhecidos como “servos de Deus”; eles almejam mais; querem ser reconhecidos como bispos, apóstolos, pai-apóstolos, sumo sacerdotes. Muitos destes líderes se apresentam como “ungidos do Senhor” e, nesta base, reivindicam autoridade suprema, cujas ações são incontestáveis. Alguns se aproveitam disso para sugar financeiramente os fiéis, vivendo no luxo e na ostentação.

Por outro lado, a igreja evangélica brasileira vive atualmente uma busca por poder, fama e glória neste mundo. O envolvimento da igreja na política, está levando-a a desviar o foco de sua missão e a se envolver numa guerra inglória com a sociedade tida como secular. De modo geral, tanto a igreja quanto sua liderança abandonaram a “Teologia da Cruz”, tão enfaticamente pregada por Martinho Lutero; ambos estão preferindo abraçar a “Teologia da Glória”, duramente combatida pelo grande reformador.

Assim, o lema do *solī Deo gloria* continua sendo um chamado desafiador para a igreja contemporânea, no sentido de que ela renuncie a suas práticas antropocêntricas e restaure uma crença e uma vivência verdadeiramente teocêntrica. Todavia, tal teocentrismo não pode limitar-se apenas ao discurso piedoso, mas deve alcançar todas as ações da igreja. Seu amor e devoção a Deus devem ser evidenciados através de suas ações de serviço ao mundo e de demonstrações concretas de bondade e misericórdia àqueles que estão ao seu redor, principalmente os que sofrem.

Entretanto, devemos sempre lembrar que Reforma não é um evento pronto e acabado, mas um processo de autocrítica, humilhação e busca sempre constante do Senhor por meio da

Sua palavra e através da operação do Seu Espírito. Tudo, porém, deve ser feito unicamente para a Glória de Deus – *solí Deo gloria*.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. **Lutero e Libertação**: releitura de Lutero em perspectiva latino-americana. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

BARRETT, Matthew. **Teologia da Reforma**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

BAYER, Oswald. **A teologia de Martim Lutero**: uma atualização. Traduzido por Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. Tradução de Israel Belo de Azevedo. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

249

CALVINO, João. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã**. Volume 1. Tradução de Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1985.

_____. **1 Coríntios**. Tradução de Valter Graciano Martins. 2.ed. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003.

_____. **2 Coríntios**. Tradução de Valter Graciano Martins. São José dos Campos: Fiel, 2008.

_____. **Romanos**. Tradução de Valter Graciano Martins. 2.ed. São Paulo: Parakletos, 2001.

DE BRÉS, Guido; URSINUS, Zacarias. **Confissão Belga e Catecismo de Heidelberg**. Tradução da Missão Reformada no Brasil. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

LUTERO, Martinho. **Catecismo Maior**: doutrina cristã fundamental. Traduzido por Zaqueu A. de Carvalho. São Paulo: Fittipaldi, 1965.

_____. **O Magnificat**. Tradução de Attilio Cancian. Petrópolis: Vozes, 1968.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 1: os primórdios: escritos de 1517 a 1519. Tradução de Annemarie Höhn etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 2: o programa da Reforma: escritos de 1520. Tradução de Martin N. Dreher etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 3: Debates e Controvérsias, 1. Tradução de Ilson Kayser etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 4: Debates e Controvérsias, 2. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1993.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 5: **Ética; Fundamentos; Oração; Sexualidade; Educação; Economia**. Tradução de Walter O. Schlupp, Ilson Kayser e Walter Altmann. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 6: Fundamentação da ética Política; Governo; Guerra dos Camponeses; Guerra contra os Turcos; Paz Social. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1996.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 7: Vida em Comunidade: Comunidade; Ministério; Culto; Sacramentos; Visitação; Catecismos; Hinos. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 8: Interpretação Bíblica: Princípios. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003.

_____. **Obras Selecionadas**. Volume 9: Interpretação do Novo Testamento: Mateus 5-7; 1 Coríntios 15; 1 Timóteo. Tradução de Adolpho Schimidt etc. São Leopoldo, RS: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2005.

251

_____. **Pelo Evangelho de Cristo**. Tradução de Walter O. Schlupp. Porto Alegre: Concórdia; São Leopoldo: Sinodal, 1984.

PELIKAN, Jaroslav. **A tradição cristã**: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e do dogma (1300-1700), volume 4. Tradução de Helena Aranha, Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2016.

WACHHOLZ, Wilhelm. **História e teologia da Reforma**: introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o “Espírito” do Capitalismo**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. 15.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

